



A LEITORA CLARICE LISPECTOR



Ricardo Iannace

SUMÁRIO

Prefácio – <i>No Intricado Mundo da Leitura</i>	11
Apresentação	15
1. Narrando-se a leitura	19
2. Clarice e seus personagens leitores	41
<i>Reinações de Narizinho</i>	41
<i>Bliss</i>	57
<i>Entre Crimes e Castigos</i>	71
<i>La Belle et la Bête</i>	97
<i>Humilhados e Ofendidos</i>	115
Considerações finais	129
Anexo – <i>Citações na Obra de Clarice Lispector</i>	131
Bibliografia	205
Índice onomástico	213

Prefácio

NO INTRICADO MUNDO DA LEITURA

Nem sempre o mundo da leitura incrustado na própria história que lemos nos aparece com evidência, de modo a podermos perceber as múltiplas implicações desse ato aparentemente simples e sem mistérios de segurar um livro, um jornal, uma revista, um livro de receitas ou pedaços de papel com anotações. Pois desvendar esse território atentando para a dimensão do seu alcance cultural e para a qualidade do seu dispositivo estético é o que este livro de Ricardo Iannace faz, percorrendo a extensa e significativa obra de Clarice Lispector.

Por injunção do próprio assunto, ler Clarice é também ler outros, que Clarice leu e que ali aparecem pela própria voz de Clarice como autora, pela voz de suas narradoras, ou quem sabe narradores, pela voz de suas tantas personagens. A intenção do crítico Ricardo Iannace é justamente a de “rastrear” tais pistas e examinar o seu enredamento, expondo, com rigoroso cuidado, como, ao se escrever, também se reinventam textos lidos, então relidos e reescritos. Partindo da própria textura da escrita de Clarice Lispector, sem extrapolações, o crítico busca, demarca, registra as confluências, ora mais explícitas, por alusões diretas a autores, títulos, trechos, personagens, ora por comportamentos, posturas, procedimentos.

Mas o caminho é perigoso porque há vertentes e vertentes. O crítico sabe, no entanto, introduzir o assunto com a necessária solidez, mesclada à agradável leveza da linguagem simples, bem medida na clareza e precisão.

Partindo de um vasto e diversificado painel de pontos de interesse referentes ao tema da escrita, que inclui até usos e abusos com o objeto livro – que pode ser tanto fetichizado quanto transformado em arma a ser atirada contra alguém –, imagens da leitura vão surgindo também sob a forma de leitores célebres da tradição literária, bem como sob a forma de alusões a gêneros literários diversos, adentrando a obra de Clarice por intermédio dos escritores que ela leu, dos títulos de obras que mencionou, dos trechos que citou, das situações, recursos e procedimentos que parodiou.

Não poderia faltar, e não falta, incursão às bases teóricas que envolvem conceitos como influência, apropriação, intertextualidade, desconstrução, ao examinar alguns dos modos como a leitura vem sendo tratada pela crítica nas últimas décadas.

Nem sempre é trabalho fácil este de saber ler as alusões, quando são menos explícitas e aparecem entranhadas no corpo mesmo do texto, transfiguradas num outro que é e não é a sua fonte de motivação construtiva. Para perceber tais paródias a sério é preciso ser antes de tudo bom leitor: conhecer muitos textos e conhecer os mecanismos da elaboração textual, identificando com firmeza um específico repertório de ocorrências, responsável pela “face” do produto final.

O olhar deste pesquisador adentra o universo estético de Clarice reconhecendo-lhe os laços formais com outros textos tanto de autores brasileiros quanto estrangeiros sem forçar aproximações, como se tal conformação surgisse do próprio e especial modo de escrever da escritora que examina. Sob tal aspecto, ao reler tais autores à luz da leitura escrita e inventada de Clarice, cada um deles recupera tons, em função do outro. E os autores aí reescritos – Katherine Mansfield, Dostoiévski e Monteiro Lobato são alguns deles – funcionam não mais como autores de textos lidos, mas como ingredientes básicos de reinvenção, num constante e lúdico exercício de interpretação.

Sob tal aspecto, o repertório todo, se visto em conjunto, ou seja, os textos escritos por Clarice com tais implicações de caráter interpretativo e crítico mediante as referências materializadas em forma de leituras, releituras, escritas, reescritas, mostra o chamado “caldo de cultura”, tão substancial, em se tratando da obra de Clarice. Assim sendo, mais que uma história de leituras praticadas por um autor nos seus textos, este livro é também uma incursão pela complexidade de tais laços, pela história do livro, pela história da crítica.

Mas o caminho não termina aí. Há também, na parte final do livro, um novo sinal. Fiel à responsabilidade do seu papel também rastreador no

sentido de apontar caminhos e novas perspectivas de trabalho, o pesquisador registra, para si, servindo-lhe de bússola, e para outros pesquisadores, servindo-lhes de matéria-prima, um rigoroso mapeamento de referências textuais, detectadas em romances, contos e crônicas de Clarice.

Pesquisas desta natureza têm o dom de fazer emergir o que está disperso ou submerso, desenhando na superfície dos olhos de “anseios e aflições” do leitor o mapa com o enredamento das configurações de que se faz essa matéria chamada palavra, texto, livro, leitura, leitor. Também aqui Ricardo Iannace transformou em livro o que dos outros leu. Autor e leitor mais uma vez se reencontram, na parceria bem sucedida do pesquisador competente e do leitor sensível e talentoso.

NÁDIA BATTELLA GOTLIB
Universidade de São Paulo

APRESENTAÇÃO

*Desde que duas literaturas existiram conjuntamente,
comparam-nas para apreciar seus méritos respectivos.*

P. BRUNEL, C. PICHOS, A. M. ROUSSEAU

O presente trabalho* analisa relações intertextuais a partir do exame de algumas narrativas de Clarice Lispector, estabelecendo paralelos e aproximações entre textos da autora e de demais escritores, brasileiros e estrangeiros.

Na verdade, são muitas as referências na ficção de Clarice. Referências a escritores e obras, a jornais e a revistas, bem como a outros escritos diversificados, citados ou aludidos nas mais variadas circunstâncias. E inúmeras são as personagens claricianas leitoras.

Clarice Lispector, no entanto, chegou certa vez a enunciar:

Eu sou tão má leitora que, agora, já sem pudor, digo que não tenho mesmo cultura. Nem sequer li as obras importantes da humanidade. Além do que leio pouco: só li muito, e lia avidamente o que me caísse nas mãos entre os treze e quinze anos de idade. Depois passei a ler esporadicamente, sem ter a orientação de ninguém.

* Apresentado originalmente sob a forma de Dissertação de Mestrado, na área de Literatura Brasileira, com o título "Leituras e Leitores na Obra de Clarice Lispector", FFLCH-USP, 1998.

É até provável que “as obras importantes da humanidade”, somadas aos eventuais títulos que resultaram em “esporádicas” e indisciplinadas leituras, sejam parcialmente os mesmos que se encontram referidos no conjunto de sua obra. A catalogação de tais referências aparece, sob a forma de anexo, ao final deste livro.

Portanto, se o anexo deste trabalho se destina a reunir e enumerar citações, o texto em si, na forma de ensaios, vem dividido em dois capítulos, além das Considerações Finais.

Em “Narrando-se a Leitura”, busca-se constituir, ante a seleção de fragmentos literários da autora em conformidade a excertos literários de outros escritores, uma rede na qual o sujeito é apreendido em seu ato de ler. Na seqüência, atenta-se para a leitura com vistas ao seu efeito estético, considerando-se os estudos críticos a esse respeito publicados nas três últimas décadas.

Em “Clarice e seus Personagens Leitores”, capítulo estratificado em cinco análises, comparam-se textos da autora com romances e contos que lera, segundo depoimento seu, na pré-adolescência e juventude. Livros de que se ocupam, não raras vezes, as suas personagens.

Assim sendo, a correlação se estabelece entre: os dois contos de Clarice Lispector, “Felicidade Clandestina” e “Restos do Carnaval”, e *Reinações de Narizinho*, de Monteiro Lobato; “Amor”, de Clarice Lispector, e “Bliss”, de Katherine Mansfield; “A Bela e a Fera ou A Ferida Grande Demais”, de Clarice Lispector, e o conto de fadas *La Belle et la Bête*, de Mme. Leprince de Beaumont; *A Maçã no Escuro*, de Clarice Lispector, e *O Lobo da Estepe*, de Hermann Hesse, e ainda *Crime e Castigo*, de Dostoiévski; e, finalmente, *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, e *Humilhados e Ofendidos* – novela também de Dostoiévski.

Estudos que discutem ironia, paródia, dialogismo, mito, o grotesco e o sublime, entre outros conceitos no âmbito da teoria literária que se fizeram necessários para dar sustentação às referidas análises, mereceram os cuidados desta pesquisa, que antes objetiva rastrear e confluir leituras.

A propósito, R. Magalhães Júnior publicava em 1958 um livro a respeito do autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, mapeando, num sucinto capítulo, as leituras realizadas por personagens machadianas. Eis que advertia, ao concluir o ensaio:

O nosso intuito era apenas recensear por alto as leituras dos personagens de Machado de Assis, ponto de partida para um trabalho que pode vir a ser feito por um

especialista em bibliografia, com o apuro técnico e o método científico que falta a simples curiosos, como eu...¹

Ainda que sem a metodologia e o conhecimento inerentes a um bibliógrafo, apenas imbuído da curiosidade que norteou a pesquisa de R. Magalhães Júnior, este estudo tenciona seguir a linha de investigação outrora iniciada pelo crítico machadiano, tendo por objeto também as leituras, mas na obra da autora de expressivo nome na literatura brasileira do século XX, que, a exemplo do velho bruxo, exerce controle magistral sobre o leitor.

1. R. Magalhães Júnior, “O que Liam as Personagens de Machado de Assis”, em *Ao Redor de Machado de Assis*, p. 152.